

HIP HOP: Dialogando currículo, educação e elementos subjacentes ao movimento cultural

HIP HOP: Dialogue curriculum, education and elements underlying cultural movement

Veronica de Souza Santos¹

<https://orcid.org/0000-0002-6827-2761>

RESUMO

O texto que segue traz reflexões acerca do tratamento dado ao Movimento Cultural Hip Hop pela academia. Entende-se que o movimento ainda é massivamente tratado nos espaços legitimados seguindo uma narrativa superficial e apresentando espaçados trabalhos que discutam de maneira alargada e em profundidade o tema. Para isso, trazemos aspectos informacionais históricos que ainda são desconhecidos de muitos que se interessam pelo assunto. O desconhecimento da história do movimento permite que a disseminação de informações rasas e leva à ideia de que a cultura só se direciona à prática do entretenimento. Desmistificando isso, alcançamos a relação direta que o Hip Hop tem com a Educação, no momento em que ambos devem ser executados para atender ao mesmo fim; no entanto, ainda apresentam barreiras que sustentam e ratificam práticas preconceituosas. Por fim, propõe-se a necessidade de compreender o real espírito hip hop e fortalecer tal conhecimento para que a emancipação dos sujeitos sociais aconteça de maneira coletiva.

Palavras-chave: Movimento Cultural Hip Hop. Educação. História. Universal Zulu Nation. Comunidade negra.

ABSTRACT

The text that follows brings reflections on the treatment given to the Hip Hop Cultural Movement by the academy. It is understood that the movement is still massively treated in legitimate spaces following a superficial narrative and presenting widely spaced works that discuss the theme in a wide and in-depth way. For this, we bring historical informational aspects that are still unknown to many who are interested in the subject. Ignorance of the movement's history allows the dissemination of shallow information and leads to the idea that culture is only directed towards the practice of entertainment. Demystifying this, we achieve the direct relationship that Hip Hop has with Education, at the moment when both must be executed to meet the same end; however, they still present barriers that support and ratify prejudiced practices. Finally, it is proposed the need to understand the real hip hop spirit and strengthen this knowledge so that the emancipation of social subjects can happen collectively.

¹ Doutoranda em Língua e Cultura (UFBA), Mestre em Letras (UFBA). Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – *Campus* Porto Seguro (IFBA-PS), Porto Seguro, Bahia, Brasil E-mail: veronicasousan@gmail.com.

Keywords: Hip Hop Cultural Movement. Education. Story. Universal Zulu Nation. Black community.

1. INTRODUÇÃO

Recentemente, eu escrevi um artigo, publicado no portal do Instituto Federal da Bahia, em comemoração ao 12 de Novembro, uma data de grande importância para a comunidade hip hop e, conseqüentemente, para a população negra. Poucos são aqueles que sabem que o Dia Mundial do Hip Hop carrega um conjunto de significados que, assim como o Dia da Consciência Negra, nos remete à perspectiva de luta e anseios da comunidade negra.

Ao escrever tal artigo, foi impossível não pensar em algo que tenho desenvolvido há quase uma década: o movimento cultural hip hop como ferramenta dialógica dos princípios norteadores da Educação.

Para construir essa narrativa, desenvolvo o texto que segue em três seções para além da Introdução e das Considerações Finais, a saber: i) Histórias para falar de história, que comporta duas outras sub-seções: i1) A Universal Zulu Nation na história do Movimento Cultural Hip Hop e i2) O quinto elemento do Hip Hop e sua relação com a academia; ii) Movimento Cultural Hip Hop e educação e iii) O Movimento Cultural Hip Hop no currículo

2. HISTÓRIAS PARA FALAR DE HISTÓRIA

Este texto não se trata aqui de um relato de experiência ou um relato autobiográfico, mas peço licença para trazer alguns dados biográficos que servem de base para a reflexão que eu me proponho.

Sou oriunda da periferia de Salvador - Bahia, do bairro Pau Miúdo, e desde cedo tive contato com o movimento cultural hip hop, ainda na adolescência. Ainda que de maneira muito regradada pela severidade de meus pais, mais especialmente de minha mãe, que tinha como objetivo primeiro proteger-me dos muitos riscos que um bairro de periferia, com uma violência crescente, poderia ocasionar. Com todos os cuidados e já tendo plantada a semente da possibilidade cultural num bairro esquecido pelos poderes públicos, eu comecei a participar de algumas atividades com um grupo de rapazes do

bairro e outros bairros próximos. Formamos pequenos eventos tanto ali no bairro, quanto em outros bairros, em prol de disseminar a cultura hip hop. Fazíamos panfletos de divulgação, amadores, porém para nós e naquela época eram grande feitos, diante dos pouquíssimos recursos de que dispúnhamos. . Àquela altura, eu já ouvia muito *rap*, tanto Rio de Janeiro e São Paulo, quanto da Bahia e inspirações para pensar o lugar onde vivíamos, as condições, as pessoas e mais tudo o que o estilo nos oferecia não faltava.

Dali vieram outras participações em projetos sociais que me permitiram cada vez mais aprofundar-me no Movimento Cultural Hip Hop. Um deles o *Hip Hop com Compromisso* foi possivelmente a porta de entrada para perceber o Hip Hop como algo muito mais grandioso e para além do que o discurso raso entende como dança, música e diversão apenas. É aí que eu conheço a Universal Zulu Nation (UZN).

Antes de fechar a primeira década dos anos 2000, o DJ Chiba D, integrante de um dos grupos de rap mais conhecidos da Bahia, o Opanijé, vai me apresentar dois importantes nomes da cena cultural e personagens fundamentais na história do hip hop no Brasil: King Nino Brown e DJ TR, ambos zulus. O primeiro, à época era presidente da Universal Zulu Nation Brasil e principal representante da Universal Zulu Nation. Morador de São Bernardo do Campo (SP), ele se considera um historiador autodidata do movimento hip hop e da cultura afro. É a partir dele que a UZN chega ao Brasil. O outro, DJ TR, respeitado nome dentro do Movimento Hip Hop vai ser um dos nomes fundadores do Hip Hop no Rio de Janeiro. TR foi por muito tempo o DJ do *rapper* MV Bill. É também autor de um dos maiores registros bibliográficos brasileiros que traz de maneira completa e intensa a história do Movimento, a obra intitulada *Acorda Hip Hop: despertando um movimento em transformação*.

Ao longo de muitas conversas com ambos, a Universal Zulu Nation deixa de ser, para mim, algo apenas que conheço das leituras e se torna uma organização próxima. Como integrante zulu, eu preencho alguns formulários, executo algumas etapas e sou convidada por Nino Brown para ir a São Paulo e assim foi que em 31 de julho de 2010, eu fui nomeada Zulu Queen.

2.1 A Universal Zulu Nation na história do Movimento Cultural Hip Hop

O Hip Hop como cultura foi iniciado e nomeado por Afrika Bambaataa, no sul do Bronx. Foi Afrika Bambaataa quem juntou os 4 elementos (*DJing*, *B-Boys* e *B-Girls*, *MCing* (Rap) e *Graffiti*) e deu ao 5º elemento que era o Conhecimento, que, mais tarde ele estabeleceu Conhecimento, Cultura e Entendimento, num conjunto.

Conforme o Green Book, um dos documentos da UZN, a palavra Hip Hop foi lançada antes de uma cultura chamada Hip Hop. Dizem que LoveBug Starski, Keith Cowboy e DJ Hollywood estavam usando o hip hop em seus raps quando a Disco Rap era o fenômeno da época. Então, a palavra Hip Hop tem raízes nos MCs (Mestres de Cerimônias) da era Disco, mas é fato que toda a Zulu Nation de Afrika Bambaataa a transformou em uma cultura. Os DJs que vieram Kool DJ Herc, Afrika Bambaataa e Grandmaster Flash caíram na cultura Hip Hop.

Entre os objetivos da UZN estão: educar, desenvolver e melhorar o atual estado de espírito de adultos e jovens em todo o mundo; divulgar nossa mensagem de amor, paz e unidade entre todas as raças através de nossos caminhos e ações; preservar a cultura do Hip-Hop e todas as formas de arte criadas a partir dele e usar a música como um meio de intercâmbio e compreensão cultural; proporcionar um refúgio seguro para alimentar o gênio inerente de adultos e jovens em todo o mundo; ajudar outras pessoas a desenvolver carreiras e oportunidades, à medida que expressam seu potencial e talentos dados pela Força Suprema.

Sobre este último item é importante relatar que a UZN não faz nenhuma apologia a qualquer religião, mas acredita numa força superior criadora do Universo e de todas as coisas nele contida.

A Universal Zulu Nation é uma organização de homens, mulheres e jovens que foi fundada nos Estados Unidos por um homem negro chamado Afrika Bambaataa. Esta organização possui centenas de capítulos em todo o mundo. Seus membros, de diversas raças, culturas, nacionalidades, países e religiões acreditam em liberdade, justiça, igualdade, conhecimento, sabedoria e compreensão. Os membros da Zulu Nation desencorajam as divisões e querem ver a paz e a unidade no planeta Terra com todas as raças. Sem eles, todos enfrentamos destruição social, econômica, física e espiritual. Esta é a Universal Zulu Nation!

A organização foi fundada em 1973 no Bronx, Nova York, pelo então jovem estudante Afrika Bambaataa. Foi ideia dele usar a música para espalhar a mensagem da Universal Zulu Nation. Ele sabia que a música é universal e atravessa todas as barreiras. Assim, com o nascimento do Hip-Hop, que começou na cidade de Nova York, Afrika Bambaataa, membros da Nação Zulu e tal como muitos de seu grupo, a Soulsonic Force, Shango, Rock Steady Crew, D.S.T., Fab Five Freddy, Fase 2, Dondi e Futura 2000, começaram a viajar pelo mundo para espalhar a cultura hip-hop.

Como nos dedicamos a melhorar e elevar a nós mesmos e às nossas comunidades, todos os membros da Zulu Nation devem se envolver em alguma atividade que seja positiva e corresponda à comunidade. O Hip-Hop é o nosso veículo de expressão. É nesse contexto que a Cultura funciona como uma agência de letramento, conforme tenta evidenciar a professora Ana Lúcia Souza. A autora cunha o termo *Letramentos de reexistência* no momento em que procura “descrever o processo no qual os ativistas do movimento *hip hop* desempenham papel histórico ao incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções” (SOUZA, 2011, p. 36). E completa:

Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica envolve as práticas cotidianas de uso de linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal.

O que Souza vai ressaltar em sua publicação é uma parcela do que foi antecipado nas *Infinity Lessons: As Regras Humanitárias da Universal Zulu Nation*, no momento em que os seus percursores entendem que, por meio do movimento cultural hip hop, “podemos aprender a escrever, produzir, comercializar, promover, publicar, apresentar e televisionar nossa própria música, para nosso próprio povo.” (Green Book, tradução própria, p. 33)²

O *Green Book* foi compilado pela Queen Sapphire e traz uma revisão das Lições Infinitas, sob a ótica dos princípios da Organização.

² No texto original: We can learn to write, produce, market, promote, publish, perform and televise our own music, for our own people. (Green Book, p. 33)

No entanto, é importante dar mérito ao olhar aguçado de Ana Lúcia Souza em evocar tal conceito permitindo uma problematização que alcança os espaços acadêmicos. Diferente do que vemos excessivamente na academia, o estudo de Souza nos convida a pensar o movimento desde dentro, na perspectiva linguística, a partir dos extratos de diálogos com integrantes diretos do movimento cultural hip hop.

Ainda hoje, vemos trabalhos que tentam academicizar a cultura pela motivação rotineira em olhar para movimento, elementos e integrantes como meros objetos. A autora consegue promover uma pesquisa que nos leva a entender, dentre outras questões,

como os participantes (do movimento hip hop) atribuem sentidos, produzem e comunicam, em interações, suas identidades de ativistas do movimento *hip hop* e como essas identidades enunciadas produzem movimentos de identificação, de diferenciação e de reposicionamentos nas interações. Souza (2011, p. 18)

E isso nos faz entender o diferencial nesse trabalho que escolhe o aspecto linguístico para que percebamos a profundidade da Cultura. No que diz respeito a pensar o Movimento Cultural Hip Hop como uma agência de letramento e atribuir uma necessária reflexão acerca dos usos sociais da linguagem, a comunidade científica e aqueles que dela usufruem os resultados de estudos e pesquisas têm um grande ganho, pois é por essa via que conseguimos romper com alguns mitos e barreiras ainda montados pelo preconceito quanto a agência e seus agentes.

2.2 O quinto elemento do Hip Hop e sua relação com a academia

Os trabalhos em torno do Movimento Cultural Hip Hop e de seus elementos devem girar em torno do propósito atribuído a partir do 5º elemento, o Conhecimento, promovido por Afrika Bambaataa.

Uma década antes de ganhar reconhecimento mundial, nos anos 70, o Hip Hop era uma celebração da vida desenvolvendo seus elementos para se estruturar enquanto movimento cultural. Por conta de sua dinâmica e seu

impulso, a cultura Hip Hop além de um ponto de partida para a elevação e mudança, tornou-se também uma indústria bilionária.

Nos anos 80, a indústria e a mídia do rap contribuem para que os termos “hip hop” e “rap” se tornem sinônimos e excluindo os demais elementos da cultura. Em razão desse equívoco, diga-se hoje, ainda cometido por muitos, dentro e fora do Brasil, a Zulu Nation promove o quinto elemento do Hip Hop, que é o CONHECIMENTO, e tenta ativamente educar as massas sobre a história e os elementos fundamentais da verdadeira cultura Hip Hop. Ainda no Green Book, Bambaataa declara:

Quando criamos o Hip Hop, esperávamos que fosse sobre paz, amor, união e diversão para que as pessoas pudessem fugir da negatividade que assolava nossas ruas (violência de gangues, abuso de drogas, auto-ódio, violência entre os descendentes de africanos e latinos). Embora essa negatividade ainda aconteça aqui e ali, conforme a cultura progride, desempenhamos um grande papel na resolução de conflitos e na promoção da positividade.

O Hip Hop é, a meu ver, um complexo e poderoso veículo para oferecer inúmeras lições. Conforme os ensinamentos de Bam, como íntima e carinhosamente o chamamos, a nós e a toda a comunidade, o grande ministro da UZN não acredita que os integrantes do Hip Hop devem ter apenas conhecimento do Hip Hop. Ele promove e prova que o Hip Hop pode e deve ser usado como um veículo para ensinar consciência, conhecimento, sabedoria, compreensão, liberdade, justiça, igualdade, paz, unidade, amor, respeito, responsabilidade e recreação, superação de desafios, economia, matemática, ciências, vida, verdade, fatos e fé.

É por esta razão que, mais do que ser *hip hoppers*, devemos ser *hiphoppas*, se nos interessa seguir os reais princípios da cultura. Ser *hiphoppa* é mais do que cantar, dançar, discotecar ou riscar. Não basta dominar qual(is)quer do(s) elementos se o quinto elemento não é reverberado nas nossas práticas de maneira contundente.

Assim como o angolano Carylson Alberto, parto do princípio de que muitos (não apenas MCs) hip hoppers não representam a cultura, uma vez que não apresentam compromisso social com a comunidade, além de não conhecer o que a cultura realmente é.

Esse texto, que vem para tecer reflexões dialógicas entre o movimento e a Educação, não teria o efeito necessário se antes não se pautasse como uma ferramenta para trazer um pouco de informação sobre os princípios da cultura hip hop e a sua importância, o que desde dentro é ainda algo original. Ainda nos falta produções que dialoguem sobre a cultura na sua essência e marcando o seu valor social. Falar da cultura, não apenas do entretenimento, explicitando seu compromisso social. E aí é importante lembrar, tal como Alberto diz que “o *beat* não define o conteúdo”

Se lembrarmos que a cultura Hip Hop carrega acrônimos significantes de Her Infinity Power Helping Opressed People, o que, em livre tradução, seria *Seu poder infinito ajudando pessoas oprimidas*, vamos resgatar que, muito antes ao entretenimento, a cultura além de emancipar, tem de ter compromisso social. E isso é algo além da diversidade, conforme listamos acima. Discutir os valores e princípios da cultura está para além de olhar para esta como mero foco observacional. Absorver e internalizar estes pontos consubstancializa o entendimento em torno do debate e a Academia ainda faz isso de maneira equivocada.

Podemos buscar os repositórios institucionais e verificar ainda um derrame de informações superficiais em torno da cultura hip hop e muitos poucos trabalhos valorizando o trato social que, desde a sua origem, é princípio precípua da sua existência. Em maior profundidade do que a percepção denunciativa das letras de rap, fazer hip hop é transformar todo e qualquer lugar onde ele chega seja enquanto agência, seja por meio de seus agentes.

3. MOVIMENTO CULTURAL HIP HOP E EDUCAÇÃO

A Cultura Hip Hop acaba, a meu ver, por influenciar a educação, na medida em que entendo esta não como uma linha de produção, mas como um acontecimento orgânico, em que a influência é exercida.

Se o espaço educacional é entendido como o local para a partilha de conhecimento, em que é possível oferecer novas perspectivas a quem está ali para dele absorver, devemos vislumbrar que todo e qualquer conteúdo ali disseminado visa à emancipação de indivíduos e à formação de sujeitos históricos crítico e reflexivos, capazes de contar sua própria história. Nessa linha,

Educação e Hip Hop se aproximam quando ambos são entendidos que existem para elevar o outro, para curar as doenças sociais e não para contribuir para adoecer ainda mais a sociedade.

Dentro do movimento cultural hip hop, quaisquer dos elementos da cultura deve ser utilizado como ferramenta para promoção coletiva e não individual, principalmente se for para exortar bens materiais. E isso exige ainda mais cuidado, por entendermos que ambos os movimentos, educacional e hip hop, têm a capacidade de mudar a mentalidade, especialmente dos jovens, através da multiplicidade artística, no intuito de contribuir para o progresso social.

A sala de aula comporta sujeitos e sujeitas que carregam consigo talentos e habilidades dos mais diferentes campos. Praticar o hip hop é possibilitar nesse espaço o florescimento dessas competências, aliado ainda hoje pela prática bancária a que muitos ainda submetem a Educação. (FREIRE, 1987, p. 33)

Não podemos limitar ou sequer dimensionar as competências desses/as jovens, uma vez que elas participam de outros ambientes e constroem seu conhecimento de mundo e, até mesmo, enciclopédico, e outros fatores por sua própria conta. Quando esses/as estudantes chegam à escola, já estão munidos de uma bagagem significativa de saberes que não pode ser silenciado, desmerecido e, principalmente, devastado pelo docente.

O processo de ensino e de aprendizagem tem de ser dialogado e, para isso, o/a professor/a deve entender que também está ali para entender e seu papel deve incluir também aproveitar a emergência dos saberes que ali transitam em prol da coletividade. E é nesse ínterim que muitos princípios são tratados, adquiridos e impulsionados vêm à tona.

4. O MOVIMENTO CULTURAL HIP HOP NO CURRÍCULO

O que reivindico aqui é que o Movimento Cultural Hip Hop deve ir para o currículo para além de análises frias de pontos superficiais do debate.

Discuti-lo no currículo e, conseqüente, em sala de aula é muito mais do que analisar de mais simplórias as profundas e vanguardistas denúncias das letras de rap ou do estilo estético e artístico da cultura. Antes mesmo desses debates que, reitero, são importantes, mas não únicos ou primordiais, devemos

levar aos/às jovens os valores pregados por quem, em sua gênese, evocou a cultura como elemento de transformação universal.

O currículo ainda esconde a subjetividade do conhecimento que existe para transformar, para (re)alinhar a sociedade. Isto porque — mesmo com as agendas políticas que muito já avançaram no debate para atendimento às maiorias minorizadas (SANTOS, 2020) — ainda está construído em bases brancocêntricas, supremacistas, europeias. Ainda vemos um currículo que não nutre a cultura e os conhecimentos africanos e afro-brasileiros, que ainda conta uma única versão da história. Que, no caso do hip hop, não o remete, por exemplo, a um fator de alteração e modificação de um ambiente, visto que foi através deles que a violência foi contida, que as gangues foram dissipadas nos bairros pobres e negros do Bronx, nos EUA.

Se o hip hop é esse agente transformador ele pode movimentar, em tal profundidade, o sistema educacional, quebrando padrões que ainda estruturam, solidificam e reforçam preconceitos e violências, a exemplo do racismo, da misoginia, da LGBTfobia, dentre outros. Muito ainda é preciso fazer, mas se não enxergamos o Hip Hop e a Educação nessa base, a ideia de mudança continua sendo uma utopia.

Nas minhas pesquisas, sobre a cultura hip hop tenho, cada vez mais, percebido a existência remota do movimento hip hop. Percebendo o seu caráter político, elementos como o *rap* têm seus vestígios no período colonial.

Ora, se não conseguimos ainda marcar nossa história nos registros legítimos, devemos traçar uma agenda que possibilite esse debate. O livro didático ainda afasta a Cultura Hip Hop de suas páginas. Não gosto do termo representatividade pelas ressalvas que tenho, mas reivindico este espaço como necessário para apontar representações do real hip hop. E o primeiro passo é falar da história.

Qual outro caminho, se não o histórico para reparar e reconhecer a importância da cultura negra e, por consequência, periférica? Reivindicar esses espaços que servem de intermediários para a educação de toda sociedade se faz mister para que outras narrativas, silenciadas, sejam evidenciadas. O fator histórico é um caminho para esse outro olhar. Uma sacudida no currículo concorre para o ingresso de outras culturas e também para deslegitimar a ideia de marginalidade, bandidagem e esvaziamento dado ainda à cultura hip hop pela

pequena parcela que ainda se considera dominante e determinante do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que muitas reflexões precisam ainda acontecer para a compreensão do real espírito hip hop. Academicizar o debate nem de longe é suficiente, mas levar para dentro da academia os seus elementos fundantes e entendê-los como consonantes à Educação é um caminho.

O Hip Hop enquanto cultura, além de aspectos de criação e atuação por sujeitos negros e em ambientes negros, é um saber ancestral. E, como tal, muitas marcas ainda são invisibilizadas.

Se se quer romper com os preconceitos que circundam a Cultura e esse é um dos meus propósitos enquanto hiphoppa e enquanto membro da UZN, é necessário iniciar pelos usos de espaços legitimados para divulgar tais conhecimentos, desmistificar conceitos, promover mudança. É necessário conhecer a história em sua origem e acessar fontes desde dentro da cultura. Ainda que poucos hip hoppers ocupem os bancos acadêmicos e promovam o saber que fomenta a verdadeira mensagem da Cultura, produções feitas por eles são peças que reconstituem e montam essa narrativa ainda pautada na reprodução, mais do que na necessária reconstituição. Atentem para que tal reprodução não contribua para macular a história e os princípios do movimento. Nesse sentido que entendo o conjunto de letamentos subjacentes ao Movimento, que no âmago da resistência, desvia e resgata indivíduos com histórias fraturadas pelo desprezo social.

Contemos nossas histórias para que não continuemos como antagonista ou como meros figurantes dessas prosas reais. O caminho é longo e árduo. Todavia, foi com o Movimento Hip Hop que aprendi que, quando a caminhada fica dura, só os duros continuam caminhando.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, CARYLSON. **O rappers da nova escola (maioria) não oferecem novas perspectivas a juventude**. Disponível em: <http://www.noticiario->

periferico.com/2020/01/artigo-o-rappers-da-nova-escola-maioria.html Acesso: 14 nov. 2020.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEAL, Sérgio José de Machado (DJ TR). **Acorda Hip Hop**: despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Verônica de. **12 de novembro no IFBA**. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/noticias/2020/artigo-12-de-novembro-no-ifba> Acesso em: 14 nov. 2020.

Universal Zulu Nation. **Green Book**: Infinity Lessons Archive 1973-2000 For the masses. Compilado por Queen Sapphire. Book #1. Material particular da Organização Universal Zulu Nation.

Universal Zulu Nation. **Constitution of the Universal Zulu Nation**. Material particular da Organização Universal Zulu Nation.